

RELATO SOBRE A CRIAÇÃO DO MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA DE PELOTAS
RECIT A PROPOS DE LA CREATION DU MUSEE DE L'IMPLANTATION AGRICOLE
FRANÇAISE A PELOTAS

Leandro Ramos Betemps

Vol. XII | nº24 | 2015 | ISSN 2316 8412



Relato sobre a criação do Museu da Colônia Francesa de Pelotas

Leandro Ramos Betemps¹

Resumo: Este relato pretende registrar os principais momentos que levaram à criação e à implantação do Museu da Colônia Francesa, localizado na Vila Nova, no 7º Distrito do Município de Pelotas. Trata-se de um relato, em primeira pessoa, do historiador Leandro Ramos Betemps que pelo menos desde 1994 realiza pesquisas sobre a presença francesa no município, sobretudo sobre a contribuição do grupo étnico francês que inicialmente se radicou em terras de João Antônio Pinheiro e criou a Colônia Francesa de Santo Antônio em 1880. Neste texto, é narrada sua visão sobre o surgimento do projeto de museu, os passos para sua criação e implantação até o ano de seu sétimo aniversário em julho de 2014.

Palavras-chave: Museu, Colônia Francesa, Etnia Francesa, Pelotas.

Résumé: Ce rapport vise à enregistrer les moments clés qui ont conduit à la création et la mise en œuvre du Musée de l'Implantation Agricole Française, située à Vila Nova, sur le 7ème arrondissement de la commune de Pelotas. C'est un récit, à la première personne, par le Historien Leandro Ramos Betemps qu'au moins depuis 1994 réalise des recherches sur la présence française dans la municipalité, en particulier sur la contribution du groupe d'ethnie française qui peuplée à l'origine dans terrains de João Antônio Pinheiro et qui a créé l'Implantation Agricole Française de Saint-Antoine en 1880. Dans ce texte, est raconté sa vision de l'apparition du projet de musée, les étapes de sa création et la mise en œuvre jusqu'à la septième année d'anniversaire en Juillet 2014.

Mots-clé: Musée, Implantation Agricole Française, Ethnie Française, Pelotas

Com este relato pretendo registrar os principais momentos que levaram à criação e à implantação do Museu da Colônia Francesa. Meu nome é Leandro Ramos Betemps, sou historiador, licenciado em História pela UFPel (1997), com especialização em patrimônio cultural e conservação de artefatos pela UFPel (2000), com especialização em formação do Rio Grande do Sul pela UCPel (2003) e mestrado em memória social pela UFPel (2009). Ao longo deste período publiquei artigos e livros sobre os franceses no município de Pelotas, entre eles: “A heroificação e o imaginário social na construção da identidade étnica”, “Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa”, “Povoadores de Pelotas” e “A Presença Francesa no Sul do Brasil”.

Desde a graduação em História, concluída em 1997, meu tema predileto de pesquisa foram os franceses que viveram em Pelotas. Em 2003, apresentei as conclusões de uma pesquisa acadêmica² comprovando a existência de um grupo étnico de origem francesa no município de Pelotas. Tal comprovação se deu a partir do conhecimento dos traços culturais utilizados pelos descendentes de famílias francesas. Até o momento, havia dois importantes trabalhos sobre os franceses em Pelotas escritos por Marinês Grando e

¹ Historiador, licenciado em História, mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; e voluntário do Museu da Colônia Francesa, Brasil.

² Publicado com o título “Vinhos e Doces ao som da Marselhesa”, ver referências bibliográficas no final.

por Luiza Pestano, ambos focando a economia e a história, respectivamente. O “Vinhos e Doces” veio tratar do tema sob o viés da etnicidade. O que possibilitou uma leitura mais ampla, aproximando da população e não apenas da comunidade acadêmica.

As frequentes pesquisas e visitas³ que realizei desde 1994 para investigar e levantar dados empíricos sobre os emigrantes foram movimentando as famílias de origem francesa em relação a suas memórias. Aos poucos, a comunidade étnica foi sentindo necessidade de celebrar essa memória. Um fato marcante foi a publicação da monografia “Vinhos e Doces” que em seus anexos, trouxe a público a genealogia das famílias fundadoras da Colônia Francesa em Pelotas. Isso gerou muito interesse dos descendentes e o reconhecimento de pertencimento a um mesmo grupo étnico.

A partir da minha constatação durante o contato com as famílias e de uma partilha com o professor Dr. Fábio Vergara Cerqueira, a ideia do Museu começou a ser delimitada. O Professor Fábio, da UFPel, vinha trabalhando com etnias e povoamento de Pelotas desde 2000, a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL). O projeto tinha como objetivo investigar a trajetória da imigração italiana em Pelotas, entre os alunos envolvidos estavam os historiadores Luciana Peixoto e Cristiano Gehrke. Após cedência de um prédio pela Prefeitura, o Museu Etnográfico da Colônia Maciel pode ser inaugurado em 04/06/2006.

Outro incentivo para a criação do Museu da Colônia Francesa foi a existência do Museu Grupelli, criado por esta família em 1988 em um prédio antigo onde funcionava a adega da família, junto de sua pousada e demais propriedades na Colônia Municipal, a beira do arroio Quilombo, limite entre os Distritos do Quilombo e da Colônia Maciel. O objetivo da família e voluntários era de guardar e expor objetos típicos da zona rural de Pelotas e de seus colonizadores italianos, alemães e franceses. Sim, havia objetos de famílias francesas, também expostos neste museu, alguns doados pelos Crochemore. O Museu Grupelli ganhou mais visibilidade a partir de um trabalho voluntário feito pela professora Margareth Acosta Vieira.

Por essa época, um grupo de professores da UFPel começou a desenvolver a proposta da criação de museus tendo em vista a futura implantação de um Curso em Museologia, o que de fato ocorreu em 2006. Na época, o Professor Fábio era diretor do Instituto de Ciências Humanas (entre 2002-2010), coordenador do Curso de História (2000-2002) e coordenador do Laboratório de Antropologia e Arqueologia (2001-2012).

Por volta de 2004, partilhei com ele minhas pesquisas e a ideia de um espaço de memória para a etnia francesa e ele concordou. As conversas seguiram envolvendo o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL) e a ONG Instituto de Memória e Patrimônio (IMP), de Pelotas. Os trabalhos passaram a andar em paralelo com meu curso de mestrado.

³ Ver referências bibliográficas no final.

Em 02/08/2005, o adido cultural da Embaixada da França em São Paulo, Jean Yves Mérian esteve em Pelotas para lançamento do livro “*Cartas/Lettres*”, de Ignácio de Loyola Brandão, com desenhos de Alfredo Aquino e tradução de Mérian, publicado pela Editora Iluminuras em 2005. Essa visita movimentou a comunidade na Vila Nova, professores da UFPel, a prefeitura Municipal e descendentes de franceses em Pelotas.

Para o Museu da Colônia Francesa, o ano importante foi 2005. É quando a ideia da criação do Museu da Colônia Francesa em Pelotas fica delimitada. Optou-se que Museu estaria voltado à *valorização da cultura étnica francesa e ao desenvolvimento da população e do espaço* onde este grupo étnico esteve inserido originalmente, ou seja, na Colônia Santo Antônio e adjacências.

Em 14/12/2006, o então Prefeito Adolfo Fetter Júnior assinou a cedência à UFPEL, de um imóvel destinado ao *Museu* e em 14/07/2007, numa cerimônia ocorrida nos pavilhões da FENADOCE, tem-se o ato de fundação do Museu e o recebimento da primeira doação para o acervo. Mensagens de incentivo foram enviadas por email, pelo Sr. Christophe Benest, da Aliança Francesa de Porto Alegre, pelo Sr. Ronner Guerra Fabris, Cônsul Honorário da França em Porto Alegre, e pela Sra. Erica Kriger, em nome de Jean-Marc Gravier, Cônsul Geral da França em São Paulo.⁴

Entre 14 e 18 de maio de 2007, eu já participava do Sistema Municipal de Museus de Pelotas e organizamos uma mostra coletiva de banners dos museus de Pelotas. O Museu da Etnia francesa participou com um banner, divulgando o projeto. A mostra aconteceu no hall da Prefeitura Municipal tendo como um dos objetivos marcar a passagem da Semana dos Museus. O Museu da Etnia fazia parte do Sistema Municipal de Museus de Pelotas, e eu era o representante. Participamos também de outras mostras de divulgação do Museu como na Fenadoce em 2007 e 2008, na Feira do Livro de Pelotas de 2007, e em dois eventos do Fala Pelotas, uma programa realizado pela Prefeitura Municipal de Pelotas, um na Vila Nova e outro no Rincão da Cruz. O Museu estava no folder publicado pela Prefeitura Municipal com o objetivo de divulgar todos os museus e projetos museológicos de Pelotas.

Em 14/01/2008, eu tive oportunidade de realizar a conferência “*Une implantation haut-alpine au Brésil, la colonie française Santo Antonio de Pelotas*” na *Société d'Études des Hautes-Alpes*, na cidade de Gap, na França. Em setembro de 2010, no Seminário de Hotelaria e Gastronomia na Costa Doce, falei sobre a influência dos franceses na gastronomia pelotense. Em abril de 2012, tive a oportunidade de participar da comitiva do Vice-Prefeito Fabrício Tavares em visita a França e Portugal, para divulgar aos 200 anos de Pelotas às cidades amigas. Neste momento realizei, na cidade de Angoulême, a conferência “*Pelotas à la rencontre de ses racines en Charente*”, falando sobre a relação de Pelotas com os franceses daquela região da França. Em setembro de 2012, falei sobre os franceses de Pelotas na Semana do Turismo, no SENAC. Em setembro de

⁴ Documentos originais no acervo do Museu da Colônia Francesa.

2013, enviei texto para apresentação da Colônia Francesa de Pelotas em Seminário de História, na cidade francesa de La Rochele, organizado pelo estudante francês Gregory Corps.

Em relação à implantação efetiva do Museu, inicialmente, a Prefeitura Municipal, na pessoa do Prefeito Adolfo Fetter Júnior que apoiou o projeto, ofereceu um prédio construído no início do século XX para servir de cadeia distrital e que serviu também para administração do distrito. O prédio fica numa praça, próximo ao antigo prédio dos Bachini, onde também funcionou a Sociedade Bailante União Camponesa, criada pelos franceses e demais famílias de imigrantes. O prédio possuía muitos significados históricos para a comunidade, assim como seu entorno, sendo apropriado para a implantação do Museu.

Universidade, Prefeitura Municipal e voluntários iniciaram o projeto, porém o prédio necessitava de muito investimento para reforma, o que não era viável no momento. Outros prédios foram cogitados, entre eles uma sala do antigo prédio dos Bachini, uma sala na Fábrica dos Crochemore na Vila Nova, uma casa próximo ao Cemitério dos franceses, ou uma das casas existentes junto ao obelisco dos franceses na Colônia Francesa. Por motivo ou outro, nenhuma das opções vigorou e a escolha se deu pelo prédio da antiga escola Professor José Domingues, na Vila Nova, em frente à Capela de São Pedro. Esse prédio fica a menos de três quilômetros do prédio antigo. A vantagem é de que fica na Vila Nova, local mais urbanizado, próximo de parada de ônibus, da escola, da fábrica dos Crochemore, de mercado, da Igreja, de posto de saúde, de lancheria... Isso auxiliaria a logística para os bolsistas e se pensava que seria melhor para novas parcerias. Um abaixo-assinado dos moradores dessas localidades consentiu na mudança do projeto para o prédio da Vila Nova e se iniciou o processo de troca junto à Prefeitura Municipal.

Esse terreno foi doado em 22/01/1947, pelo casal Afonso Elizeu Crochemore, para a Prefeitura Municipal, para que ali fosse construída uma escola, como de fato aconteceu. Em 1980, no centenário da Colônia Francesa, arrecadou-se dinheiro para a construção de nova escola, sendo transferida a escola e mudando seu nome para Nestor Eliseu Crochemore, como de fato também aconteceu. Com a transferência da escola, o prédio ficou para uso comum dos moradores. Por alguns anos, na década de 1980, uma comunidade de religiosas da Igreja Católica morou no local. Depois, ali também ocorreram velórios, reuniões de moradores, aulas de catequese, convívio de idosos, pessoas carentes guardaram pertences no prédio, e até massagens eram ministradas.

A ideia de ser um “espaço cultural” foi uma proposta que fiz desde o início do projeto. Tinha o interesse de que fosse um espaço que além de servir de museu, pudesse ser um ponto de referência para toda a localidade, um lugar onde pudessem se encontrar e reforçar a ideia de comunidade. Seria um local para encontro, por exemplo, com os técnicos da Emater, para formação com palestras das universidades para os moradores, um local que pudesse abrigar o posto dos Correios, que a Igreja e catequistas pudessem se reunir, que pudesse ali funcionar uma mesa eleitoral, etc... Ou seja, a ideia de que o local continuasse a ser um ponto de referência da comunidade. Assim, pensávamos que o Museu pudesse ser envolvido pela comunidade e

reconhecido mais facilmente como algo deles e para eles. Mas, essa ideia não ficou clara, e acabou não acontecendo.

Com o registro do museu como um projeto de extensão da UFPel, foi possível conseguir bolsistas para abrir o museu e realizar alguns trabalhos no sentido de organizar acervo, realizar pesquisas e divulgação. Uma das primeiras bolsistas foi Andreia Rodriguez, do Curso de Museologia. Até o momento não se havia conseguido realizar pesquisa de campo no sentido de constituir acervo para o Museu.

Essa pesquisa de campo ficou de ser realizada pelos bolsistas do projeto que acabaram nunca tendo condições de fazê-la. Ora pelo tempo que ficavam no museu, só iam aos domingos e deviam ficar com o museu aberto, sem poder realizar visitas pela Colônia. Eles não tinham como ir durante a semana, não tinha transporte para levá-los, também não tinham um programa definido do que iriam fazer. Outro problema era que mesmo que algumas pessoas oferecessem doações, não havia local seguro para receber e armazená-las. Na medida do possível foram registradas pelos bolsistas do projeto (na maioria alunos dos cursos de Museologia e História da UFPel). Na maioria das vezes, se optou fazer o registro da oferta, uma breve descrição da peça, contatos com o ofertante, e se possível uma foto. A preocupação era de aceitar os objetos e correr o risco de extraviá-los, uma vez que não se tinha espaço físico para reserva técnica ou armazenamento seguro e adequado. Com a troca de prédio, questões políticas arrastaram por anos a ocupação efetiva do novo prédio. A regularização somente aconteceu por insistência e persistência do Sr. Gilberto Ebersol. Muitas famílias da Vila Nova, Colônia Santo Antônio, Rincão do Andrade e adjacências apoiaram o projeto e incentivaram a equipe.

No ano de 2008, o Professor Fábio sugeriu que fosse criado um Circuito de Museus Étnicos na região colonial de Pelotas. Sua ideia era de que os turistas e visitantes pudessem usufruir de um roteiro de visita em diversas localidades na zona rural. Dessa forma, haveria uma rede de museus que privilegiariam determinadas etnias em diferentes locais, abrangendo a riqueza étnica do município e contemplando a todos. Os italianos com o Museu da Maciel e dos Grupelli, os franceses com o Museu na Vila Nova, depois se cogitava a criação de um museu para alemães em Morro Redondo, um para pomeranos em Santa Silvana, um para irlandeses e ingleses em Monte Bonito, e quem sabe até um para espanhóis e japoneses. Isso dependeria de pesquisas e trabalhos acadêmicos que fossem realizados para essas e outras etnias. O projeto era ambicioso, mas traria uma movimentação turística para a colônia de Pelotas. Infelizmente, com a saída do Professor Fábio dos cargos que ocupava junto a UFPel, e seu afastamento para estudos na Europa, acabaram impossibilitando o avanço efetivo do projeto, que acabou adormecendo entre as questões políticas.

Uma ideia que eu tive para alavancar a inserção do museu como um local de oportunidades para os moradores da comunidade, foi de criar projetos de gemação de Pelotas com alguma cidade francesa. Entre as cidades que fiz contatos e propostas estiveram as cidades e localidades francesas de Langeais, Montlouis sur Loire, Angoulême, Puymoyen, Gap e Champoléon. Embora tivessem interesse em criar projetos em

comum, as tratativas acabaram esfriando por questões de interesse político e de desenvolvimento econômico. Uma das questões apontadas pelas cidades francesas era de que o Museu não era pessoa jurídica, sendo por isso, incapaz de receber doações em dinheiro. Organizações francesas que poderiam contribuir financeiramente, não queriam ou podiam fazer doações para pessoas físicas, somente para alguma associação, ONG ou entidade jurídica, legalmente estabelecida no Brasil. Não se conseguiu avançar quanto a isso, embora, houve tentativas de reunir interessados ou até mesmo de propor um convênio com uma associação de moradores já existente na Vila Nova.

Em 20/09/2008, organizei uma exposição de fotografias em comemoração aos 128 anos de fundação da Colônia Francesa. A exposição ocorreu no novo prédio que serviria de museu, na futura sala de exposições, que se encontrava praticamente vazia. Embora tenha recebido público, as pessoas vinham em horários diferentes e assistiam a apresentação das fotos que eram projetadas em telão por meio de um Datashow. Os comentários da comunidade da Vila Nova foram positivos, porém queriam que as coisas andassem mais rápido. Porém, ainda continuávamos sem definição sobre a cedência do novo prédio, embora já o estivéssemos utilizando.

Eu seguia envolvido com o curso de mestrado e em maio de 2009 apresentei minha dissertação de mestrado, a partir de pesquisa sobre a relação entre a memória do grupo étnico e os suportes de memória utilizados pelos descendentes. Esse trabalho possibilitou o surgimento de um inventário do acervo cultural, que poderia servir de núcleo para a organização museológica do projeto, tendo a frente o Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira. Surgiram algumas opções de exposições: de objetos do clube de futebol do Cruzeiro (junto ao prédio dos Bachini, já propriedade do Sr. Getúlio), ou de buscar refazer a exposição de objetos dos imigrantes franceses que foram expostos nos festejos do centenário em 1980, ou de objetos dos atuais moradores das comunidades para assim envolver os moradores das comunidades vizinhas com o Museu.

No dia 04/07/2009, como parte das comemorações da Semana de Pelotas, do ano França Brasil e da proximidade da data comemorativa do 14 de Julho, o poder público municipal promoveu a entrega solene do prédio para a instalação do Museu que foi aberto ao público com sua primeira exposição. Essa exposição apresentava objetos relacionados à fabricação de doces e vinhos, além de reproduções de fotos antigas. A mostra foi organizada às pressas, pois não tendo acervo e não tendo conseguido negociar o empréstimo de peças da comunidade, a opção foi expor reproduções de fotos do acervo do Sr. Lino Ribes e utilizar objetos dos acervos dos museus da Maciel e do Grupelli. As fotos utilizadas para reprodução faziam parte de meu acervo pessoal, ou em sua maioria eram de álbuns do Sr. Lino que foram escaneados por bolsistas do museu com autorização de familiares do Sr. Lino, que guardam o acervo. Esse trabalho de escaneamento foi realizado pelos estudantes Antônio Vergara e Paulo Faber em setembro de 2008.

Desde o início, o grupo concordou que o “Museu e Espaço da Etnia Francesa em Pelotas” pudesse representar os descendentes de famílias francesas não só da zona rural, mas também dos franceses que

viveram na cidade de Pelotas⁵. Em 2006, eu criei um logo com a figura estilizada do obelisco erguido pelos franceses em 1930, mais as inscrições “Etnia Francesa” e logo abaixo “museu e espaço cultural”. A ideia era criar um ícone da etnia que servisse para o museu. Era intenção de que o Museu representasse a etnia, não a comunidade em si. Isso para reforçar a ideia de circuito étnico de museus e oferecer um atrativo turístico diferencial para que a comunidade o utilizasse como bem cultural que pudesse ajudar no desenvolvimento econômico da localidade. A expectativa era de que surgissem restaurantes, lancherias, pousadas ou outros atrativos próximos à Vila Nova.

Em 2007, participei de um Encontro de Museus Comunitários, realizado pela UFPel, onde expliquei que o Museu da Etnia Francesa não era para ser comunitário no sentido de representar a comunidade do entorno, mas ser comunitário no sentido de que a comunidade fizesse uso dele para desenvolver a si própria e a localidade entorno do museu. Tipologicamente, o museu foi inicialmente pensado em ser histórico, para representar a contribuição de um grupo étnico em determinado período da história pelotense. Traria a história da Colônia Francesa de Santo Antônio⁶ foi fundada em 1880 por 50 famílias de regiões diferentes da França, a 35 km da cidade de Pelotas, na Serra dos Tapes. Contaria que estes imigrantes foram os primeiros a pensarem um produto para o mercado e não apenas para autoconsumo, como fizeram os outros imigrantes em Pelotas. Diria que os franceses na Colônia Santo Antônio produziram alfafa, depois uva e por fim o pêssego. Mostraria que foi a valorização de um *traço típico* trazido pelos franceses (vinho e compota) que surgiu o legado mais importante desse grupo étnico. Seguindo os passos do francês Amadeu Gastal, que fez a primeira compota de pêssegos na região, no ano de 1878, os franceses de Santo Antônio e seus descendentes fundaram as *primeiras fábricas artesanais* de vinhos, doces e conservas que deram origem às agroindústrias alimentícias de Pelotas na década de 1960. Influenciando até mesmo a tradição dos doces pelotenses e da Fenadoce. Assim, o Museu teria a preocupação em preservar essa cultura étnica e o legado dos franceses, que primeiro produziram compotas e doces cristalizados, que por sua durabilidade, eram levados para outros lugares, trazendo a fama de terra doceira à Pelotas. Esse era o principal motivo do museu, a contribuição dos franceses para Pelotas como um todo. Não houve o interesse de focar as famílias francesas por elas mesmas, nem de focar as atuais famílias e moradores da Vila Nova ou da Colônia Santo Antônio, o foco era o legado dos franceses e daquela região para toda a zona rural e o município de Pelotas. Essa ideia acabou sendo mal conduzida e interpretada pela comunidade e até mesmo pelos envolvidos pelo projeto. Hoje percebo melhor os equívocos que fizemos, mas aqui não vem o caso de elencá-los.

Porém, imbuídos pelo espírito de colaboração, que envolveu pesquisadores, comunidade, instituições e poder público, trabalhou-se pelo Museu como um espaço cultural. Além de famílias de origem

⁵ Deixo aos museólogos envolvidos com o projeto, discutir e apresentar em outro momento as diretrizes e fundamentações com que foi construído o Museu da Colônia Francesa.

⁶ Para conhecer detalhes sobre as pesquisas históricas realizadas e citadas neste relato, sugiro a leitura dos dois textos apresentados nas referências bibliográficas, pois apresentam os resultados de maneira mais plena.

francesa, outras famílias, de origem italiana, alemã, portuguesa e espanhola, também apoiavam o projeto por reconhecerem a influência histórica francesa na valorização de toda a comunidade e região. Da mesma forma, contava com o apoio dos pelotenses da cidade para aumentar e valorizar o acervo a ser constituído. Na Vila Nova, entre as principais famílias apoiadoras, sempre estiveram os Crochemore e os Ribes. Mas também, a direção da Escola Nestor Crochemore, o pároco, a responsável pelo Cemitério dos Franceses e outras lideranças locais.

A partir de 2008, o Professor Fábio procurou compartilhar a coordenação dos museus da colônia envolvendo colegas professores que ingressaram no curso de Museologia, seja pela dificuldade em bem coordenar ao mesmo tempo quatro museus (agora já acrescidos do museu de Morro Redondo), seja pelo enriquecimento e maior envolvimento que os museus demandavam.

Dessa forma, a Professora Carla Rodrigues Gastaud assumiu a coordenação do projeto, a articulação dos bolsistas e a organização da exposição. A partir de 2009, a Professora Carla obteve uma bolsista para o projeto, museóloga Sheila Fleming. Em 2013, o projeto obteve 3 bolsas que ficaram com as alunas Eliana Souza, Daiane Insaurriaga e Juliana Ulguim. Em 2014 as bolsistas eram as alunas Eliana Souza e Franciele Gonçalves. Ficando o primeiro semestre de 2015, sem bolsista, mas com trabalho voluntário da museóloga Eliana Souza.

Importante presença foi a do Professor Gilberto Ebersol, voluntário que realizou diversos almoços e jantares no sentido de divulgar o projeto, envolver pessoas e arrecadar fundos para as reformas que o prédio precisava para que pudesse funcionar. Entre as primeiras necessidades do prédio estavam: conserto do telhado, alpendre, reforma de portas e janelas, instalação hidráulica, construção de banheiro e acesso ao museu que era dificuldade pelo barro gerado em dias de chuva. Os eventos realizados por Ebersol foram: o primeiro jantar em 28/07/2010 no salão da Associação Cultural Italiana de Pelotas. Em março de 2013, Gilberto aplicou o dinheiro arrecadado no jantar de 05/09/2012 para instalar na estrada uma segunda placa indicativa do museu, a primeira, foi colocada em novembro de 2012, na frente do museu. Depois em 04/09/2013 e 04/09/2014, outros jantares, todos na Associação Italiana. O dinheiro sempre foi aplicado em melhorias no prédio ou na divulgação do projeto.

O museu sempre tentou ser um ponto de contribuição para o crescimento econômico da colônia, auxiliando com o avanço turístico através da história dos franceses na região. Entre as famílias que originaram a localidade no século XIX, estavam: Arbes, Beauvalet, Bertholon, Betemps, Bichet, Capdeboscq, Carret, Charnaud, Charrois, Chollet, Colomby, Conte, Cousen, Crochemore, Ebersol, Escallier, Fouchy, Fournier, Fuzeri, Gaume, Gerard, Giroux, Guiot, Jacquôt, Jouglard, Lahude, Lardot, Laurant, Leroy, Lesauvage, Lhomme, Longchamp, Magallon, Martin, Ney, Palavet, Pastorello, Petit, Raffy, Ribes, Steinle, Thoreux e Wahast.

A presença dos franceses em Pelotas tornou esta, a única colônia agrícola do Rio Grande do Sul que manteve sua existência. Sua contribuição foi para o crescimento da economia agroindustrial e para o

reconhecimento de Pelotas como “a capital nacional do doce”. Era esse tema que se buscava divulgar e atrair olhares para Pelotas. Isso funcionou para pessoas de fora de Pelotas, mas não para os pelotenses, e principalmente, para os moradores da zona rural.

O que se percebeu como tempo, foi que os moradores próximos ao Museu não o frequentavam, nem tinham interesse pelo Museu. Os interessados no Museu eram pessoas de fora da cidade, até mesmo franceses de passagem por Pelotas e região, que vinham conhecer essa história de seus compatriotas em solo brasileiro. Porém, estes quando chegavam ao local, não encontravam nenhum outro atrativo turístico. Não havia onde fazer refeições (a Cantina Ribes funcionou em apenas um período), não havia outros passeios a fazer, não tinha casas em pedra, lavouras ou fábricas para visitar, não havia doces para comprar, não havia nenhuma camiseta, livros, cartões postais ou qualquer outro objeto que pudesse ser usado como lembrança turística a ser comprada como souvenir da viagem ao interior de Pelotas.

Em julho de 2013, o Prof. Fábio e eu participamos do documentário Sal e Doce, que realizou filmagens na colônia de Pelotas. O trabalho gerou certa divulgação do Museu e do projeto étnico de museus na Serra dos Tapes, divulgando a contribuição dos franceses para a fama doceira de Pelotas. Outras reportagens e filmagens ocorreram, antes e depois desta. Particpei na maioria delas em outras o Gilberto Ebersol participou, mas sempre tentamos estar presente e divulgar a projeto do Museu promovendo o turismo na Vila Nova e zona rural de Pelotas. Uma importante divulgação que participei, foi a que recebemos ao participarmos do episódio sobre franceses e suíços, na série Mundo Grande do Sul, realizado pela RBSTV e TVCOM, dirigido pelo Baroni. Na época destas gravações, ainda era vivo o Sr. Lino, tornando o trabalho como de referência. Em 2014, o Gilberto Ebersol e a estudante de Museologia e bolsista do projeto, Eliana Souza, participaram do vídeo realizado por Janaína Nazari Gomes sobre francofonia em Pelotas.

A impressão que tenho é de que a comunidade local parece ter se acomodado em viver sem perspectivas envolvendo o Museu. Um dos fatores que percebo como negativo para esse envolvimento com a comunidade foi a propaganda negativa de algumas pessoas influentes. Como alguns utilizavam o prédio para seus trabalhos e atividades de forma específica, sentiram-se como que preteridos do uso do prédio, ou seja, entenderam que o projeto do Museu tinha subtraído deles o direito de uso do prédio. Alguns comentários que ouvi foram de que “roubaram o prédio de nós”, que “esse museu não me representa”. Houve uma propaganda negativa devido a percepção errada por parte destas pessoas que se sentiram excluídas, isso fez com que outros moradores não quisessem saber do museu. Diversas atividades e tentativas foram realizadas no sentido de dirimir essa interpretação e de envolver ou aproximar o museu dos moradores. Mas, nenhuma resultou de forma positiva e eficiente. Percebo também que em alguns casos houve erro da parte do comitê que dirigiu o museu, quando, por exemplo, marcamos uma reunião com os moradores e não comparecemos por falta de comunicação. Pela dificuldade por estar mais presente na comunidade da Vila Nova, se deixou muito espaço para conversas equivocadas e entendimentos paralelos, que dificultaram o trabalho.

Para tentar resolver isso, foi trocado o nome de “Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas” passou a “Museu da Colônia Francesa de Pelotas”. Mas isso também parece não ter modificado a visão que a comunidade tem do Museu. Algumas outras ideias para o futuro do Museu foram repassadas para o Professor Fábio que retornou a coordenação do Museu em junho de 2015. Eu, particularmente, penso em pelo menos duas opções: uma delas seria a municipalização através da unificação dos museus coloniais existentes, possibilitando o surgimento de um Museu das Colônias de Pelotas e criando novas unidades expográficas, preferencialmente, uma em cada distrito do município. Isso poderia ajudar para que as comunidades se vissem representadas em diferentes museus, sejam eles etnográficos, étnicos, históricos ou comunitários. Outra opção seria alterar o nome para “Museu da Presença Francesa em Pelotas” e transferi-lo para a cidade de Pelotas. O local, hoje utilizado na Vila Nova, poderia continuar abrigando um museu, e poderia ser criado o Museu do Distrito do Quilombo. Entre estas, outras opções melhores podem surgir, contribuindo com a cultura rural e o patrimônio étnico em nosso município.

Durante todo esse tempo de abertura do Museu, bolsistas do projeto abrem o museu para visitação regularmente aos domingos. O Museu tem contado com a ajuda da comunidade e benfeitores com apoio financeiro e material para as pequenas reformas, adaptações e manutenção do prédio. Para ajudar na divulgação, algumas bolsistas criaram um perfil e página no facebook “*MuseuDaColoniaFrancesa*” que conta com diversos seguidores. Alunos e professores do Curso de Francês, da UFPel também sempre apoiaram o Museu e participam com frequência dos eventos propostos.

Embora localizado na zona rural, o Museu se destina a valorizar toda a presença e legado dos franceses que se localizaram no município de Pelotas e região. Uma contribuição recente e importante foi a visita da historiadora Mônica Corrêa, representante do projeto “Memória da Aéropostale - Raide Latécoère” em maio de 2014. O objetivo do projeto é promover a investigação de vestígios da passagem da antiga Aéropostale pelas cidades que faziam parte da rota da aviação francesa e futuramente propor o tombamento pela Unesco como patrimônio universal. Inicialmente, a exposição “Das linhas Latécoère à Aéropostale” foi instalada no Mercado Público de Pelotas e ficou aberta à visitação do público por dois meses e no dia 06/06/2014 foi transferida e inaugurada nas dependências do Museu da Colônia Francesa. Nessa nova etapa a exposição pretendeu atrair o público das escolas e desenvolver atividades de educação patrimonial unindo o Museu da Colônia Francesa com a passagem dos aviadores franceses por Pelotas.

Outra exposição inaugurada nesse momento foi a que se refere à presença da etnia negra no Distrito do Quilombo, a partir da pesquisa da Professora Cristiane Ávila.

Entre as últimas iniciativas realizadas pelos amigos do Museu da Colônia Francesa, juntamente com a equipe coordenadora do projeto, vinculada à UFPel, foi a de festejar os 7 anos de fundação do Museu e 5 anos de abertura ao público. A comemoração ocorreu em 06/07/2014. Contou com a presença da Vice-Prefeita Professora Paula Mascarenhas durante uma cerimônia que homenageou 7 descendentes de famílias

de origem francesa que auxiliaram na implantação do Museu, durante estes 7 anos. Os homenageados foram: Edithe Beatriz Fouchy Jouglard, Celina Fouchy Longchamp, Nelson Antônio Crochemore, Ayrton Lino Ribes, Olmar Wahast, Sidney Charnaud Betemps e Gilberto Luiz de Castro Ebersol.

Para finalizar essa memória, registro meu desejo de que a contribuição dos franceses para a formação de Pelotas e do pelotense não seja esquecida. E que a riqueza cultural e histórica dadas pelas diversas etnias que nos geram, possam ser mais bem investigadas e trazidas à luz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETEMPS, L. R. *Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa: Um estudo sobre os 120 anos da Tradição Francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas-RS*. Pelotas: EdUCat, 2003. Coleção História e Etnias de Pelotas – Volume 6.

BETEMPS, L. R. *A Presença Francesa no Sul do Brasil: o caso de Pelotas, RS*. Porto Alegre: EST Edições, 2010.

Recebido em:21/08/2015
Aprovado em:19/09/2015
Publicado em:27/10/2015